

## Metáforas conceituais do assassinato em série: o Vampiro de Niterói

### Conceptual metaphor of the serial killing: the Vampire of Niterói

Josyelle Bonfante Curti<sup>1</sup>

DOI: 10.19177/memorare.v6e12019152-171

**Resumo:** Situado no campo teórico dos estudos da Cognição, este artigo visa investigar o recente fenômeno da metáfora conceitual trazendo-o para o universo criminal do assassino serial, com o objetivo de compreender como o assassino utiliza a metáfora conceitual para traduzir seu conjunto de experiências particulares a partir do processamento cognitivo. Isso porque, quando a metáfora deixa de ser figura de linguagem, passa a compor o repertório cognitivo de conceituação e significação do homem, tornando-se responsável por representações, simbolizações, caracterizações e (re)configurações do mundo de acordo com suas vivências individuais em sociedade. O corpus, portanto, constitui-se de uma entrevista realizada com o Vampiro de Niterói (Marcelo Costa de Andrade), um assassino serial brasileiro que atuou no Rio de Janeiro por nove meses na década de 1990, vitimando 13 crianças. No ambiente criminal, essas metáforas revelam a visão e a mente do assassino e tornam o assassinato algo positivo, pois o ressignificam e o colocam em relação com sentidos menos perversos, como o sexo e a salvação divina, como uma forma de atenuar suas ações ou de representar, com precisão, seus atos e suas sensações. A mente do assassino serial constrói representações agradáveis e positivas da morte, pois é assim que seu corpo percebe o ato de matar.

**Palavras-chave:** Cognição. Metáforas Conceituais. Assassinato em Série.

**Abstract:** Layed in the theoretical field of the studies in Cognition, this paper aims to investigate the recent phenomenon of the conceptual metaphor bringing it to the criminal universe of the serial killer, in order to understand how the killer uses the conceptual metaphor to translate his set of particular experiences from cognitive processing. This is because, when metaphor ceases to be a figure of speech, it begins to compose the cognitive repertoire of conceptualization and signification of man, becoming responsible for representations, symbolizations, characterizations and (re) configurations of the world, according to his individual experiences in society. The corpus, therefore, consists of an interview with the Vampire of Niterói (Marcelo Costa de Andrade), a brazilian serial killer who killed in Rio de Janeiro for nine months in the 1990s, victimizing 13 children. In the criminal environment, these metaphors reveal the view and the mind of the killer and make killing a positive thing by reframing and relating it to less perverse senses, such as sex and divine salvation, as a way to mitigate his actions or to accurately represent his acts and his sensations. The mind of the serial killer builds pleasant and positive representations of death, cause this is how his body perceives the act of killing.

**Keywords:** Cognition. Conceptual Metaphor. Serial Killer.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Linguagem e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: <joosy.curtii@gmail.com>.

## 1 Introdução

A preocupação em se desvendar a mente de criminosos vem crescendo nos últimos tempos a fim de se descobrir como ela funciona e, assim, estudar formas de se evitar novos acontecimentos e/ou reabilitá-los. Nosso intuito, aqui, porém, é buscar compreender os aspectos cognitivos do assassino com base em sua linguagem, uma vez que esta é reflexo daqueles e do modo como ele estrutura suas experiências cognitivamente, como ele vê o mundo e atua sobre ele.

Levando em consideração que o homicídio é o crime rei, pois atinge diretamente o objeto central de toda a ordem jurídica – a vida humana – e, conseqüentemente, aniquila a ordem jurídica em face de cada vítima, uma vez que não há ordem jurídica sem vida e não tem sentido ordem jurídica que não se dirija à sua proteção e dignidade (MARZAGÃO JÚNIOR, 2009), um dos fatores que move o assassino serial é o prazer advindo do poder exercido sobre as vítimas, da sensação sentida ao subjugar-las, humilhá-las, controlá-las e matá-las. Sendo a vida o bem mais precioso do homem, a sensação de tirar esse bem de outrem faz com que o assassino se sinta superior, potente, com o controle da vida nas mãos, o que revela, também, seu egocentrismo e sua crueldade.

O assassino serial não costuma parar até que seja capturado ou morto, e, enquanto pratica seus crimes, vai ganhando mais experiência e aperfeiçoando suas técnicas. O que se tem, dessa forma, é que o universo criminal do assassino é refletido em sua linguagem, que, basicamente, é a materialização verbal de toda violência, frieza e crueldade por ele praticadas. Além de ser uma forma de subjugar suas vítimas por meio da violência verbal: insultos, humilhações, ofensas, intimidações e aterrorizamento, a linguagem do assassino também retrata e traduz sua personalidade, como sua mente funciona, como seus instintos conduzem suas ações e de que forma ele é movido e envolvido pelas sensações que marcam o crime antes, durante e depois, afinal, os assassinos conhecem as palavras e seus significados, mas falta-lhes uma habilidade em diferenciar entre palavras neutras e emotivas, o que indica insensibilidade a conotações emocionais tanto na linguagem falada quanto na escrita (ROLAND, 2014) e comprova sua falta de empatia ou remorso. As sensações do assassino falam, tornam-se linguagem, e, para tanto, valem-se de estratégias, métodos e recursos linguísticos para manifestar-se e evidenciar sua natureza característica.

É nesse cenário que a metáfora torna-se um recurso, utilizado principalmente em depoimentos, em interrogatórios e em entrevistas. Trata-se da metáfora não mais entendida apenas como uma forma de comparação, uma referência a outros objetos ou sentidos cujo valor semântico seja semelhante, mas como uma manifestação do pensamento, que é metaforicamente estruturado devido às nossas experiências, e como um meio pelo qual a língua acontece de forma concreta, produzindo significados e garantindo a interação e a comunicação.

A Linguística Cognitiva destaca-se como principal teoria a conceder importância a esse novo conceito de metáfora, uma vez que define a relação entre palavra e mundo como mediada pela cognição e postula, por conseguinte, que as palavras não contêm significados, mas orientam

a construção do sentido: “[...] o significado deixa de ser um reflexo do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e significado” (FERRARI, 2011, p. 14), passando a tratá-la como um processo fundamental no uso cotidiano da linguagem (FERRARI, 2010).

Nesse universo, também se destacam Lakoff e Johnson (2002), pioneiros nos estudos acerca da metáfora conceitual, os quais propõem um afastamento das noções clássicas de metáfora, provenientes da retórica aristotélica, e instituem um novo paradigma, que considera a metáfora um elemento estrutural do pensamento humano, tornando-se, assim, parte da cognição humana. Assim, as metáforas deixam de ser figura de linguagem, utilizadas com fins literários ou retóricos, e vêm sendo consideradas parte da linguagem como um todo, presentes na linguagem cotidiana como forma de expressão e de manifestação da maneira como entendemos determinados conceitos no mundo (ARAÚJO, 2003).

Bagno (2014) afirma que o ser humano é ser na linguagem pois a linguagem, além de um fenômeno de ordem cognitiva, é nosso próprio ambiente. Desse modo, assim como o homem é um ser social, a linguagem e a cognição também são, pois se constroem em comunidade, em um trabalho coletivo. Ou seja, o conhecimento é social, constrói-se e transforma-se em coletividade por meio de experiências, de tradições, de culturas, de ações sociais.

Visto que nos expressamos, representamos experiências, adquirimos, processamos, produzimos e transmitimos conhecimento e informações por meio da linguagem (BAGNO, 2014), com a intenção de produzir sentido, essa capacidade de significar é a base primordial de todo discurso, inclusive do assassino serial, que é repleto de percepções, de finalidades, de sentimentos, de posicionamentos e de efeitos, já que é por meio da língua que ele se situa no mundo, na sociedade e no discurso, assume um lugar de fala (e de assassino), narra suas ações, conceitua-as, com base em suas experiências e em seus contextos, e revive o momento do crime, as sensações e as emoções sentidas quando dos assassinatos.

A metáfora conceitual envolve língua e conceito, em que mapeamentos conceituais e expressões linguísticas articulam-se verbalmente, pois se trata de uma representação do real ou de abstrações materializadas, as quais são trazidas para o real, seja para tornar essas abstrações compreensíveis, seja para significar o que não conseguimos por meio da denotação ou para conferir sentidos novos, transformá-los, enfatizá-los, dotá-los de força, de carga emotiva, literal, expressiva.

Posto isso, este artigo situa-se no campo teórico dos estudos a respeito da Cognição e visa investigar a língua em funcionamento por meio do recente fenômeno da metáfora conceitual, especificamente a metáfora estrutural, quando um conceito é estruturado metaforicamente e compreendido em termos de outro, trazendo-a para o universo criminal do assassino serial, em que a linguagem manifesta-se como representação e caracterização da mente e do comportamento desse criminoso. Para fins de análise, o *córpus* constitui-se de uma

entrevista realizada com o Vampiro de Niterói (Marcelo Costa de Andrade), um assassino serial brasileiro que atuou no Rio de Janeiro por nove meses na década de 1990, vitimando 13 crianças do sexo masculino. A entrevista está disponível, na íntegra, no livro *Serial Killers: made in Brazil* (CASOY, 2014a), e por meio dela buscamos explorar o papel da metáfora conceitual, como ela atua em diferentes discursos, especificamente no discurso do assassino serial, e quais suas representações, dado o contexto em que ocorrem. O objetivo, portanto, é compreender como o assassino utiliza a metáfora conceitual para traduzir seu conjunto de experiências particulares a partir do processamento cognitivo.

## 2 Cognição e metáfora conceitual

Bagno (2014, p. 59) define a linguagem como “[...] todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência/conhecimento”. Assim, ela é um fenômeno de ordem sociocognitiva, ou seja, é uma capacidade biológica da espécie humana de adquirir, de produzir e de transmitir conhecimento por meio de representações e de simbolizações do mundo, bem como uma força motora de coesão social; é o que nos conecta e articula em sociedade: é por meio dela que interagimos, que nos relacionamos de forma global, expressamo-nos, significamos, representamos abstrações, transformamos o mundo, tornamo-nos seres sociais e sociáveis.

Isso nos direciona à Linguística Cognitiva, a qual, segundo Ferrari (2001), baseia-se no uso, pressupondo que o contexto orienta a construção do significado e que o conhecimento enciclopédico é um sistema estruturado e organizado em frames, assumindo que os diferentes aspectos do conhecimento a que uma palavra dá acesso não têm status idêntico, mas variável, conforme diversos elementos que o influenciam. Acrescente-se a isso que a Linguística Cognitiva

Concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Trata-se, portanto, de estabelecer uma semântica cognitiva, a qual sugere uma visão enciclopédica do significado linguístico, em contraste com a visão de dicionário tradicionalmente adotada nos estudos semânticos (FERRARI, 2011, p. 15).

Por tais razões a Semântica Cognitiva fundamenta-se na ideia de que o significado é sempre mediado por processos inerentes à cognição humana, dentre os quais temos a metáfora cognitiva (FERRARI, 2010). Assim sendo, ocorre que nossos textos e discursos são dotados de cargas e de fatores diversos, responsáveis pela compreensão, pela interpretação e pela atribuição de sentido por parte dos interlocutores. Portanto, da percepção de que nossa linguagem é dotada de metáforas, surgiu a necessidade de considerá-las importantes no processo comunicativo enquanto elemento do pensamento e guia para a compreensão da linguagem e do comportamento humano.

A partir da década de 1970, rupturas paradigmáticas a respeito da metáfora trouxeram para os estudos os aspectos cognitivos e sociais de interação. Assim, desde Aristóteles, no século IV a.C., com a tradição

retórica, em que a metáfora era considerada apenas um fenômeno da linguagem, desvio da linguagem usual e ornamento linguístico, sem nenhum valor cognitivo, passando pelo pressuposto objetivista, que postulava evitar o uso da linguagem figurada quando se pretendesse falar objetivamente, as metáforas deixaram de ser linguagem figurada e ganharam um caráter cognitivista, tornando-se operações cognitivas fundamentais e um modo de se conceitualizar o mundo (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Segundo a teoria da metáfora conceitual, tais metáforas só são possíveis porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Elas não são produzidas de forma arbitrária, mas parecem ser produzidas de forma natural, automática e inconsciente no momento da elocução. Como as metáforas são recorrentes nas diferentes situações de comunicação, elas acabam tornando-se convencionais na língua. Nesse sentido, o homem vive por meios de metáforas geradas pela experiência subjetiva, pela emoção e pela imaginação (ARAÚJO, 2003), e nem sempre são percebidas ou propositais.

Para Ferreira, Glodnadel e Krauspenhar (2007), a teoria da metáfora conceitual, ao revelar a densidade metafórica da linguagem verbal, chama a atenção para o fato de que há um cruzamento de sentidos que funda a própria linguagem como fenômeno da cognição. Sendo assim, o discurso verbal está inegavelmente marcado por um cruzamento permanente de sentidos, cuja ocorrência ultrapassa em muito os usos metafóricos considerados literários.

Sabendo-se que corpo e mente não são dissociáveis, e com base nas investigações de Reddy (1979), Lakoff e Johnson começaram a analisar enunciados da linguagem cotidiana e a descobrir sistemas conceituais metafóricos que regem nosso pensamento e nossas ações. Diante disso, conseguiram mostrar que compreendemos o mundo, a cultura e nós mesmos por meio de metáforas, pois muitos conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado, ação, e conceitos emocionais, como amor e raiva etc., são compreendidos metaforicamente, com base em nossa experiência corporal. Tem-se, então, que a mente é corporificada, isto é, “[...] estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 28).

Quer dizer, partimos das experiências corporais, dos sentidos, para compreender o mundo, explicar, definir e classificar as coisas que o constituem (*A felicidade é o caminho*) e as sensações às quais estamos sujeitos (*Hoje eu estou para baixo*), para expressarmos nossas ideias e nossos pensamentos (*Isso não vai nos levar a nada*) etc., em uma interação entre corpo, mente e linguagem.

Ao compreendermos acontecimentos reais ou eventos discursivos, somos capazes de construir representações mentais significativas sobre estes apenas se tivermos um conhecimento mais geral sobre tais acontecimentos. Isso porque se pressupõe que compreender envolva não somente o processamento e a interpretação de informações exteriores, mas, também, a ativação e o uso de informações internas e cognitivas (DIJK, 2011), ou seja, aqueles conhecimentos e aquelas experiências já armazenados em nossa mente e que são mobilizados de

forma simultânea ao processamento das informações e/ou dos acontecimentos e sua compreensão. Ou, conforme Ortony (1993, p. 12 *apud* LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 13), para a cognição, o conhecimento da realidade, tenha sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, precisa ir além da informação dada, mas emerge da interação dessa informação com o contexto no qual ela se apresenta e com o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor.

Desse modo, uma vez que as metáforas são constituídas a partir de experiências particularizadas e processadas na mente de cada indivíduo, armazenadas em comunhão com saberes acumulados e modelos já estabelecidos, divididos e também individuais, a construção e a conceitualização (materializada na e pela linguagem) das metáforas dão-se de forma subjetiva, singular, bem como a aceitação e compreensão de outras. O sistema conceitual do homem, portanto, surge da sua experiência com o próprio corpo e com o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema é compartilhado pelos membros de uma comunidade linguística (CARVALHO, 2003) e faz parte de sua compreensão, atuando de forma diferente em outras comunidades que não partilham da mesma bagagem e dos mesmos conhecimentos.

Ou, sendo a linguagem um modo da cognição humana, que se constitui e materializa no social, expressa por meio da língua sob a forma de metáforas, dentre outras, ao tornarem-se figuras do pensamento humano, em relação com o contexto social, as metáforas tornam-se, também, cognitivas.

Nessa perspectiva, a metáfora situa-se em uma dimensão cognitiva, em um processo por meio do qual experiências são elaboradas cognitivamente, a partir de outras já existentes no nível conceptual. Ocorre, dessa forma, uma “superposição” de uma experiência já incorporada e linguisticamente determinada a outra experiência a ser mapeada pelo pensamento e pela linguagem (VEREZA, 2010), tornando-se estrutura em que conceitos diferentes serão ancorados e produzirão novos sentidos de forma contextualizada. À vista disso, Carvalho (2006) explicita que, logo, a função da metáfora é a de estender as capacidades de comunicação e de conceitualização do ser humano, atuando como um elo entre argumentos lógicos e emocionais.

Então, assim como mente e corpo não se separam, fatores sociais também se tornam indissociáveis nesse processo, e cada indivíduo elabora e compreende as metáforas de uma maneira, de acordo com o contexto, com suas intenções, suas expectativas, seus conhecimentos prévios e suas capacidades linguísticas, textuais e cognitivas, ativando e (re)construindo saberes e experiências pré-armazenados como modelos e representações, com base em suas vivências e em particularidades culturais, sociais, históricas, geográficas, econômicas etc. A metáfora conceitual, assim, não seria “propriedade” de um indivíduo, mas faria parte de um “inconsciente cognitivo coletivo”, mantendo uma relação de determinação mútua com a cultura e com a língua (VEREZA, 2010, p. 205).

Araújo (2003) afirma que, na teoria da metáfora conceitual, as metáforas são identificadas a partir da análise das expressões linguísticas: primeiro, observa-se alguma sistematização nas expressões

linguísticas; segundo, identifica-se a metáfora conceitual subjacente a essa sistematização; e, finalmente, busca-se mais expressões linguísticas para confirmar a existência da metáfora.

Lakoff e Johnson (2002) utilizam o termo mapeamento para designar o conceito metafórico (em letras maiúsculas) composto por domínio origem, ou fonte, e domínio alvo, cujas expressões metafóricas expressam nossas formas de compreender/definir algo. Como exemplo, o mapeamento AMOR É UMA VIAGEM é composto pelo domínio-fonte viagem + o domínio-alvo amor, em que DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE/DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE por meio de correspondências, resultando em expressões metafóricas como: *Agora não podemos voltar atrás; Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum*. Para tanto, os autores estabelecem três tipos de metáforas: estruturais, orientacionais e ontológicas.

Aqui, todavia, focar-nos-emos nas metáforas estruturais, que é quando um conceito é estruturado em termos de outro, o que, normalmente, tem reflexos em extensões maiores do discurso, uma vez que a metáfora disponibiliza um campo semântico adicional para o uso (FERREIRA; GLODNADEL; KRAUSPENHAR, 200).

### 3 O assassino serial

Dentro do âmbito criminal existem diferentes classificações para assassinos, as quais variam de acordo com diversas características e diferentes elementos que definem, especificam e fazem parte do ato criminoso antes, durante ou depois, como o modo de atuação, a motivação, a arma de crime, o tempo.

O termo *serial killer* (assassino serial) é relativamente novo: foi usado pela primeira vez nos anos 1970, por Robert Ressler, agente aposentado do FBI, da unidade de Ciência Comportamental (CASOY, 2014), devido à necessidade de se diferenciar o assassino serial dos demais tipos de assassino. Dessa maneira, o assassino serial é definido como o indivíduo que comete uma série de crimes de homicídio de forma espaçada, durante algum período, com pelo menos alguns dias de intervalo entre esses homicídios, seguindo um padrão de ação ou de comportamentos para executar suas vítimas (como *modus operandi* e assinatura). Alguns estudiosos afirmam que cometer ao menos dois assassinatos já faz do assassino um assassino serial; outros apontam que são necessários ao menos quatro assassinatos (CASOY, 2014). Porém, a quantidade não é fator decisivo na caracterização do assassino serial, mas, sim as causas do crime.

Geralmente, os crimes são cometidos sem motivos e as vítimas são pessoas desconhecidas do assassino, escolhidas ao acaso, ou por algum estereótipo que tenha significado simbólico para ele, pois, de fato, elas representam apenas símbolos, meios pelos quais o assassino pode satisfazer-se e concretizar sua busca por prazer e por poder, afinal, o assassino serial “[...] não procura uma gratificação no crime, apenas o exercita seu poder e controle sobre outra pessoa” (CASOY, 2014, p. 20; 23) para satisfação pessoal.

Normalmente, o assassino serial enxerga suas vítimas como objetos que ele pode humilhar, torturar física e psicologicamente e matar, porque é o que o faz sentir-se bem. O assassino serial, então, não vê a vítima como uma parceira na realização da fantasia, mas como o próprio objeto de fantasia, por isso, tende a escolher vítimas mais fracas que ele, para facilitar seu domínio. De forma geral, as vítimas são mulheres, prostitutas, sem-tetos, homossexuais, crianças, e, na maioria das vezes, o crime tem relação com o prazer sexual (CASOY, 2014).

Conforme Casoy (2014), diferentemente de como ocorre em outros homicídios, no assassinato em série a ação da vítima não precipita a ação do assassino, haja vista que ele é sádico por natureza e não age motivado, mas procura prazeres perversos ao torturar as vítimas, até mesmo após a morte, como em alguns casos, pois o assassino serial tem a necessidade de dominar, de controlar e de possuir a vítima para sentir-se bem e no controle. Assim, quando a vítima morre e/ou não tem mais serventia para o assassino, ele sente nova vontade de cometer os crimes e buscar satisfação pessoal, até que seja capturado.

Marcado pela dissimulação e pela falta de empatia, com um perfil de psicopata, o assassino serial é, por natureza, cruel, sádico e perverso. Normalmente, os assassinos seriais são pessoas inteligentes, articuladas, convivem bem em sociedade, são gentis e educados, em busca por esconderem sua real personalidade e não serem descobertos; demonstram, caracteristicamente, ausência de sentimentos éticos, altruístas e morais, além de egocentrismo, inexpressividade de culpa, ausência de remorso, incapacidade de estabelecer laços de amor, conduta agressiva e violenta, emoções superficiais, irresponsabilidade e insensibilidade (CASOY, 2014a). Frequentemente classificados como organizados e metódicos, eles mostram ausência de nervosismo, de manifestações neuróticas e de delírios ou outros sinais de pensamento irracional, são mentirosos, manipuladores e preparados (CASOY, 2014), adotando assinaturas e modos de agir únicos, como uma marca para diferenciá-los. Entretanto, existem aqueles que sofrem de algum transtorno psicológico, denominados desorganizados, caracterizados como desajeitados socialmente, despreparados, pouco inteligentes e marcados por delírios, cujo modo de agir acaba sendo marcado por desordens, falhas e lacunas que fazem com que sejam capturados logo.

Transitando entre essas classificações, Marcelo Costa de Andrade é um assassino serial brasileiro que atuou no Rio de Janeiro na década de 1990, fazendo 13 vítimas: crianças entre cinco e 13 anos. Seus atos envolviam agressão, molestações, estupro, assassinato por asfixia, decapitação ou esmagamento craniano, e, às vezes, necrofilia e ingestão do sangue das vítimas.

De acordo com Casoy (2014a), nascido em 1967, na favela da rocinha, Marcelo foi filho de pais separados e teve uma infância complicada, sendo agredido e abusado pelo pai, nervoso e alcoólatra. Quando criança, era tido como um menino esquisito, que ria sozinho, tinha poucos amigos, vivia isolado e tinha uma realidade própria. Nas horas livres, gostava de nadar, de pescar e de matar gatos. Comumente tinha sangramentos pelo nariz, visão de vultos e de fantasmas durante a noite e vários ferimentos na cabeça, provocados por surras com cabo de

vassoura ou correia, por quedas e acidentes. Marcelo chegou a ser internado em um colégio interno pela mãe e pelo padrasto, mas acabou fugindo.

Vale ressaltar que sofrer abuso e violência na infância e crescer em famílias e lares desestruturados são elementos comuns no perfil de assassinos em série, atuando como possíveis explicações para esse desvio de conduta, ainda que não sejam uma regra ou específicos para esse tipo de criminoso. O fato é que a maioria dos assassinos seriais é afligida por uma angústia, e a solução para isso decorre do assassinato. Como a angústia é constante e momentânea, há sempre a necessidade de saná-la novamente, assassinando outras pessoas. Por isso, nem sempre é sabido de onde vem essa angústia, o que a originou ou a desencadeou, mas, com efeito, a linguagem é uma das principais formas de se compreender tais fatores, posto que é um eficiente meio de expressão, de manifestação, de reflexão e de esclarecimento, notadamente daquilo que é mais particular e íntimo.

Ainda na infância, Marcelo foi apresentado à umbanda e ao candomblé, e ficou muito impressionado com as possessões e as oferendas para as diversas entidades poderosas que assistiu “descerem” no centro espírita. Julgado como retardado e burro, tinha problemas na escola, sendo que conseguiu apenas ser alfabetizado e aprender contas matemáticas simples. O assassino relatou que tinha vontade de internar-se em um hospital para que verificassem seu cérebro, porém, nunca foi examinado ou tomou medicamentos (CASOY, 2014a)

Na adolescência, despertou para a sexualidade precocemente. Foi renegado e passou a morar na Cinelândia aos 13 anos, encantado pelo nome do lugar, que se assemelhava à Disneylândia, cidade onde moravam seus personagens de ficção favoritos, como o Mickey e o Tio Patinhas (CASOY, 2014a). Na rua, conheceu homens mais velhos, com os quais se relacionou, e foi abusado sexualmente, aprendendo a prostituir-se para ganhar dinheiro. Durante essa fase, foi internado na Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem) e na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Funabem) por diversas vezes. Marcelo gostava de viajar pelo Brasil e estava sempre se mudando entre o Rio de Janeiro e o Ceará, ora morando com a mãe, ora com o pai, ora com os avós. Também não conseguia estabilidade profissional, mesmo não bebendo, não fumando e não usando drogas.

Após alguns anos morando na rua e/ou com os parceiros mais velhos, Marcelo voltou a morar com a mãe aos 23 anos e filiou-se à Igreja Universal do Reino de Deus, passando a ir à missa quatro vezes por semana. Nesse período, sua mãe começou a estranhar alguns comportamentos do filho, como a obsessão por revistas que mostravam fotografias de crianças, principalmente as de olhos azuis; as roupas sujas de sangue, com as quais algumas vezes ele voltou para a casa; e a coleção de bermudas infantis que ele guardava em uma caixa de isopor dentro do armário (2014a).

Marcelo começou a matar em 1991. Ele atraía suas vítimas, meninos que encontrava na rua, com idades entre cinco e 13 anos, oferecendo pratos de comida, doces, lanches ou dinheiro, e levava como recordação suas bermudas. O assassino serial interessava-se apenas por

vítimas do sexo masculino e crianças entre seis e 13 anos, pois elas tinham a pele lisinha, macia e bonita, e porque ele não conseguia atrair mulheres adultas para as relações sexuais, como ocorre normalmente. A questão da idade é importante porque, para o assassino, crianças maiores de 13 anos não eram mais puras e inocentes (tomando como base sua adolescência de prostituição, em que não era mais puro), portanto, não iriam para o céu quando morressem (e ele desejava que elas fossem, por isso cometia os crimes); já as crianças menores de seis anos não tinham o corpo tão desenvolvido igual aos de 11, 12 e 13, logo, não o satisfiziam como ele queria.

Tendo a BR-101, que liga Sul e Nordeste do Brasil, nas imediações de Niterói, como área de atuação, Marcelo matou 13 meninos, em um período de nove meses, e, apesar de não se achar um vampiro, foi apelidado de Vampiro de Niterói por beber o sangue das vítimas, acreditando que ficaria tão bonito e puro quanto elas.

Foi por meio de um deslize que Marcelo foi capturado: após atrair dois irmãos, matou o mais novo (pois, dada a sua idade, não lhe interessava) e manteve o mais velho vivo até o dia seguinte, molestando-o durante esse tempo. Pela manhã do outro dia, o assassino levou a criança consigo para o trabalho, alegando que queria guardá-la para a noite, porém, devido a um descuido, a criança acabou fugindo, contando tudo o que aconteceu para a família e levando a polícia até o local de trabalho de Marcelo, onde foi preso uma semana depois. A partir de sua captura, resolveu confessar todos os seus crimes, os quais foram detalhados por ele, durante a entrevista, com descrição cuidadosa e minuciosa (CASOY, 2014a).

Marcelo foi considerado uma pessoa com traços psicopáticos de personalidade, provavelmente como consequência de sua infância abandonada. De acordo com os psiquiatras que o avaliaram, ele não era totalmente capaz de entender o mal que fazia, era frio e não tinha capacidade de controlar-se (assassino organizado, ou psicopata). Foi diagnosticado deficiente mental, doente mental grave, com esquizofrenia e psicopatia, e portador de distúrbios comportamentais – perversão de conduta (assassino desorganizado, ou psicótico). Assim, Marcelo foi absolvido pela justiça por ser inimputável e enviado ao Hospital de Custódia e Tratamento psiquiátrico Heitor Carrilho, no Rio de Janeiro, para tratamento por tempo indeterminado. Após fuga, foi transferido para o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Henrique Roxo, em Niterói, em 2003, sem previsão de libertação (CASOY, 2014a).

Cabe enfatizar que o atestado de sanidade mental é instaurado quando existe a suspeita de que o acusado, em qualquer tipo de crime, possa ser doente mental. O processo do réu é suspenso e ele é submetido ao exame até que se comprove ou se descarte essa possibilidade. Quando há um quadro mental que tenha relação direta com o crime, o réu é isento de pena (inimputável) e a medida de segurança é aplicada, por ser considerado perigoso (CASOY, 2014a).

Contudo, a doença mental como agente causador de um assassinato não é a principal causa. O psicólogo clínico e forense Serafim (in CASOY, 2014a, p. 317) afirma que o comportamento desse tipo de assassino

envolve, também, causas de origem biológica (fatores genéticos, hereditários, lesões no sistema nervoso, por exemplo), psicológica (doenças mentais que interferem na capacidade de julgamento, privações de vivência de amor e maus-tratos ao longo da infância, por exemplo) e/ou social (desigualdade, preconceito, violência doméstica, abuso sexual, por exemplo).

Enquanto internado no Hospital de Custódia Heitor Carrilho, Marcelo comandou bailes de forró nas tardes de sábado como DJ, como parte de seu tratamento psiquiátrico, e apresentou comportamento calmo e exemplar, apesar de sempre dizer que ainda ouvia vozes que ordenavam que ele “mandasse crianças para o céu” (CASOY, 2014a, p. 199).

#### 4 Entrevista com o Vampiro de Niterói: análise

Conforme Casoy (p. 298), “[...] a importância das entrevistas com criminosos é inegável. Conhecer suas histórias, o contexto de sua criação, sua crença, seus pensamentos. Tentar desvendar o caminho que a violência faz dentro do ser humano”. Da mesma forma, Roland (2014) aponta que um método eficaz para saber o que se passa na mente dos assassinos é a conversa, afinal, quem melhor para expressar isso do que o próprio criminoso? Isso porque, segundo John Douglas, analista do FBI, “[...] a maioria dos criminosos gosta essencialmente de falar sobre si mesmo e regozijar-se com o reconhecimento que eles imaginam que seus crimes lhes trouxeram”, assim, em entrevistas ou interrogatórios, os assassinos têm a oportunidade de “[...] compartilhar suas fantasias com aqueles que imaginavam poder apreciar sua arte” (ROLAND, 2014, p. 98). Assim, a linguagem torna-se o meio pelo qual o assassino revela sua mente, manifesta seus pensamentos, seus modos de, cognitivamente, organizar o mundo e suas experiências, e satisfaz-se mais uma vez, agora relembrando os crimes.

Os trechos analisados fazem parte de uma entrevista realizada em 2003 com o assassino, no Manicômio Judiciário Heitor Carrillo, e conduzida pela criminóloga Ilana Casoy (I.) com a colaboração dos psicólogos Maria Adelaide de Freitas Caires (M.A.) e Antonio de Pádua Serafim, e do psiquiatra Sérgio Paulo Rigonatti. A entrevista está disponível, na íntegra, no livro *Serial Killers: made in Brazil* (CASOY, 2014a), de onde foram retirados os trechos. Para tanto, tomaremos como recurso a metáfora estrutural, definida por Lakoff e Johnson (2002) como o caso em que um conceito é estruturado metaforicamente e compreendido em termos de outro.

A entrevistadora, Ilana Casoy, relata que Marcelo era calmo, educado e parecia uma criança, apesar de, na época, ter 37 anos. Ele não tinha a menor ideia da dimensão de seus atos, tinha face mímica, expressão plácida e fala monótona, não sentia arrependimentos pelas vítimas, apenas pelas consequências que os crimes trouxeram para ele (CASOY, 2014a), descrevendo seus atos criminosos com frieza em riqueza de detalhes.

A seguir, serão expostos a estruturação das metáforas, os exemplos de funcionamento destas nas falas de Marcelo, ao narrar seus atos, e as

análises, tomando como estrutura, primeiramente, a construção dos mapeamentos metafóricos DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE/DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE. As construções linguísticas que evidenciam as metáforas estão destacadas em itálico.

ASSASSINATO É SALVAÇÃO:

[...]

I. E aí ele morreu ou não?

**MARCELO** Demorou um pouco e *aí* morreu.

I. Foi nele que você usou a pedra?

**MARCELO** Não, ele não. Eu também não tava me importando que ele tinha morrido...eu não tava bem da cabeça mesmo...*Eu pensava que ele morrendo assim, por ser menino ainda, ele ia pro céu.* Por ser menino ele ia para o céu.

[...]

**M.A.** *Aí* veio esse pensamento que *ele precisava morrer para ir para o céu?*

**MARCELO** Não, *se eu fizesse esse sadismo forte com ele, sentir prazer sexual com ele, a ponto até de matar ele, ele ia...Eu tinha prazer na união porque eu tava vendo que ele ia pro céu. Eu pensava assim.* Não ia pro inferno, né, eu pensava assim.

[...]

**M.A.** Onde você aprendeu que uma criança morrendo iria para o céu??

**MARCELO** *Porque o pastor falou, né?* Ele falou que...*só as crianças inocentes mesmo.*

[...]

(CASOY, 2014a, p. 237, grifos nossos).

Como afirma Lakoff e Johnson (2002), as metáforas estruturais permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado, de maneira clara, para estruturar um outro conceito, e fundamentam-se em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência. Assim, o assassinato relaciona-se com a salvação a partir do momento que aquele se torna veículo para este, com base nas experiências e nos conhecimentos adquiridos por Marcelo em sociedade, na igreja – onde o pastor dizia para ele que crianças iriam para o céu –, em suas relações cotidianas em casa e na rua e em conceitos já formalizados em sua mente.

Entrar no reino do céu é garantir nossa salvação: se os escritos religiosos apontam que crianças inocentes vão para o céu quando morrem, matá-las, para o assassino, é uma forma de levá-las até o céu. A metáfora aqui presente produz o significado de que o assassinato não é algo ruim, mas permite à vítima ganhar o céu, garantindo sua salvação. O fato de a vítima ser criança corrobora a ideia de salvação, dada a crença religiosa de que crianças, por serem inocentes e puras, são as primeiras a garantir lugar no céu, e cuja inocência deve ser apreendida pelos adultos, para que estes também entrem no reino, como Jesus assegura, em Mateus, 19: 14: “Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do Céu pertence a elas” (BÍBLIA, 2002, p.

1265). Inclusive, o próprio Pastor da Igreja frequentada por Marcelo também afirma essa ideia e passa a respaldar o discurso e os atos do assassino, o que fica claro quando ele relata na entrevista: “Porque o pastor falou, né? Ele falou que...só as crianças inocentes mesmo”.

Nesse caso, o uso da conjunção *porque* revela motivo, explicação, justificativa, conferindo à fala do pastor uma carga de autoridade e de autorização para a consumação dos assassinatos; o uso do marcador conversacional *né* sinaliza uma confirmação dessa ideia de autorização, como forma de apoio discursivo em busca de uma adesão dos interlocutores sobre essa afirmação; e o uso da palavra *mesmo* tem um valor de reforço da premissa ‘apenas crianças menores de 13 anos e menores de 6 são puras, portanto, somente elas vão para o céu’, complementada pelo advérbio de exclusão *só*, limitando o grupo de vítimas e colocando-as em um grupo específico: “[...] só as crianças inocentes mesmo”.

Logo, a salvação é o domínio-fonte que se deseja alcançar por meio do domínio-alvo, que é o assassinato. Para Marcelo, apenas crianças de até 14 anos eram puras, por isso, tirar-lhes a vida nesse período garantir-lhes-ia a entrada no reino de Deus, o que é algo bom e que todos buscam: “O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva” (JOÃO PAULO II, 1999, p. 289), ou seja, Marcelo estava ajudando-as, viabilizando e guiando essa chegada ao céu.

Acreditar que matar uma criança levá-la-á para o céu é uma fantasia para Marcelo. Nesse sentido, Casoy (2014) aponta que a fantasia, para o assassino serial, é algo compulsivo e complexo, e acaba transformando-se no centro do seu comportamento: a fantasia torna-se o motivo do crime, o crime é a própria fantasia, e, a vítima, apenas o elemento que a reforça: esse comportamento fantástico torna os acontecimentos mais reais e, logo, também os prazeres deles advindos (CASOY, 2014). Fantasias também é uma forma de amenizar o teor bárbaro do crime, atuando como respaldo e/ou justificativa para que o ato seja cometido, uma vez que, comumente, a fantasia pauta-se no agradável, no divertido e no bem-intencionado para todos os envolvidos.

ASSASSINATO COMO FETICHE:

[...]

**MARCELO** Aí...

**M.A.** Veio o sadismo...

**MARCELO** Aí eu matei ele enforcado com a própria camisa dele.

**M.A.** Mas vinha aquela *vontade de matar* mesmo? É isso?

**MARCELO** É.

**M.A.** Veio a vontade de matar?

**MARCELO** É. Fui *possuído pelo sadismo*, né.

**M.A.** Pelo sadismo.

**MARCELO** É.

**M.A.** E aí era uma coisa muito forte?

**MARCELO É.**

**M.A.** Na hora só veio o desejo e pronto?

**MARCELO É.**

**M.A.** E aí? Ele tentou se defender, né?

**MARCELO É.**

**M.A.** E o que você fez? Isso te deixava com mais sadismo ainda?

**MARCELO É.**

**M.A.** Então, Marcelo, ele começou a se defender. E aí?

**MARCELO** Aí foi quando eu tampei a boca dele.

**M.A.** Mas ele não morreu. Ou ele morreu?

**MARCELO** Não, demorou mais um pouco ainda. Depois ele morreu, né?

**M.A.** E o que você fez?

**MARCELO** *Aí eu me sentia bem sexualmente, né.* Aí eu deixei ele pra lá porque ele tava morto e aí eu fui embora.

[...]

(CASOY, 2014a, p. 235-236, grifos nossos).

De fato, não é de hoje que a morte relaciona-se ao fetichismo, principalmente ao sadismo, visto que este é uma das características do assassinato em série, que se fundamenta na violência exacerbada, na humilhação, na submissão e no controle das vítimas, sendo que o fetichismo também reforça a ideia de fantasia como agente na prática do assassinato. Newton (2014) aponta que os assassinos seriais frequentemente sofrem de disfunção sexual que impede os relacionamentos normais, e descreve o fetichismo como uma má orientação do desejo sexual para objetos incomuns ou anormais, como a violação, a violência e a morte. Dentre os fetiches, o sadismo é um dos principais motivos para crimes sexuais e assassinatos em série, e, validando essa premissa, o Vampiro de Niterói, durante a entrevista, afirma que praticava a pedofilia e o sadismo porque não conseguiria sexo com crianças ou com mulheres adultas da maneira comum, consensual e legal.

Krafft-Ebing, psiquiatra alemão responsável pela criação do termo sadismo, aponta que esse tipo de perversão caracteriza-se pela associação entre volúpia e crueldade, em que os impulsos voluptuosos combinados com representações de crueldade aumentam até transformarem-se em poderosos afetos, os quais buscam materializar essas representações de fantasia. Dependendo do indivíduo e da força desses impulsos, o ato sádico pode orientar-se para o coito, associado a maus-tratos preliminares, concomitantes ou consecutivos, e mesmo ao homicídio (KRAFFT-EBING, 2000).

Aqui, Marcelo relata esse sadismo como a vontade de molestar e matar a vítima. Semelhantemente ao que acontece com outros

assassinos seriais, o desejo de matar vem da vontade e da necessidade de sentir-se bem, no controle, no poder, ou, nesse caso, de satisfazer suas vontades e seus instintos, imperativos e inviáveis de serem praticados por vias normais. Para Marcelo, essa sensação era algo bom, que trazia bons sentimentos. Assim, o assassinato perdia seu significado negativo e brutal, e passava a atrelar-se a coisas boas, a ter um sentido positivo, de algo agradável, que ampara o crime, como o aprazimento sexual. Logo, o fetichismo, como satisfação, torna-se a fonte a ser conseguida por meio do assassinato, como se vê na afirmativa *me sentia bem sexualmente, né*, em que o né novamente confirma e enfatiza o estado de espírito e as emoções sentidas como resultado do crime: prazer sexual consequente do ato de matar e do sadismo, também frisado na próxima metáfora.

Todavia, se o prazer sexual comumente advém dos métodos habituais, socialmente aceitos e infundidos, baseados no consenso, com o sadismo o prazer advém de métodos injuriosos, não convencionais e não naturais, mas que, entretanto, não são diferenciados pelo assassino, pois, para ele, não há diferença entre atingir o prazer por vias usuais e estritamente sexuais e atingir o prazer por meio da violência e da crueldade, via modos não sexuais e não atrelados ao prazer coerente e adotado pelo social, dado que para o assassino importa unicamente o prazer (próprio) e seu cumprimento, e não os caminhos para atingi-los. Por essa razão, o assassino serial atrela qualidades eróticas (naturais do sexo praticado de forma “usual”) a objetos e a ações não eróticos e não aprazíveis, pois da forma comum não se alcança o gozo de controlar, de manipular, de manusear, de reprimir, de dominar, de subjugar, de degradar e de ter uma vida nas mãos. Temos, então, que essa metáfora é construída a partir da representação simbólica não apenas das palavras usadas no discurso em entrevista, mas das próprias ações de Marcelo no contexto dos assassinatos.

#### ASSASSINATO É SATISFAÇÃO SEXUAL:

[...]

**M.A.** Naquela hora, tinha um vazio que você falou. Mas tinha algum outro pensamento, de que você precisava fazer aquilo? Tinha alguma ordem pra você fazer aquilo?

**MARCELO** Eu sentia assim um...um *prazer sexual, né? Em tá fazendo aquilo. E de matar também.*

[...]

(CASOY, 2014a, p. 236, grifos nossos).

[...]

**M.A.** Por quê? O que podia acontecer com você bebendo o sangue dele?

**MARCELO** *Achava bem sexualmente, né.*

**M.A.** Ah, *te dava prazer?*

**MARCELO** *Isso.*

[...]

(CASOY, 2014a, p. 242, grifos nossos).

Uma vez que sexo é bom, fonte de prazer, a satisfação sexual é uma das forças motrizes do homem e a ele inerente. Sabendo que essa satisfação é algo positivo e correto, atingi-la também se torna algo bom, independentemente de quais sejam os meios para tanto. Se o sexo é bom e permite a satisfação, então matar para conseguir tal satisfação é algo justificável e correto, afinal, como o assassino sustenta: “Eu sentia assim um...um prazer sexual, né? Em tá fazendo aquilo. E de matar também”.

Com base na experiência vivida por Marcelo durante sua trajetória de abuso, de prostituição e de falta de sucesso em questões amorosas e sexuais, ele acabou marcado pela ideia de um prazer que é conseguido por meios nocivos, perversos e violentos, e isso se reflete na maneira como ele enxerga o assassinato e o prazer, associando-os de forma que deixem de possuir sentidos opostos, mas que passem a combinar-se ou a ser dependentes. Afinal, conforme Vereza (2010, p. 204),

É importante ressaltar que a metáfora que é conceituada como figura que tem seu lócus no pensamento (a figure of thought) é aquela que não só surge no contexto da cognição, mas é, em si mesma, responsável por parte importante dessa mesma cognição. Assim, a abordagem da metáfora como figura do pensamento e não de linguagem a retira de sua “insignificância” conceptual: ela não é mais apenas um adorno supérfluo, mas um importante recurso cognitivo usado, não só para se “referir” a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência. Dessa forma, a metáfora não seria apenas “uma maneira de falar”, mas sim de pensar (ou até mesmo de “ver”) o real de uma determinada forma e não de outra.

Assim como na metáfora do Assassinato como Fetiche, o Assassinato como Satisfação Sexual também se volta, de forma ainda mais intensa, ao sexo como impulsionador do ato criminoso. Isso demonstra o egoísmo que marca o assassinato serial: a busca pela autossatisfação, sem considerar a forma como aconteça e as consequências da violência imputada à vítima. O assassino serial quer satisfazer-se, principalmente dominando a vítima e deixando isso explícito, pois a superioridade exercida também é fonte de prazer. Abusar da vítima e matá-la é demonstração de poder e de domínio, e beber seu sangue é uma forma de evidenciar quem dominou e quem foi dominado. Desse modo, matar a vítima e beber seu sangue reconfiguram-se como algo benigno, porque levam à satisfação que antes era atrelada ao sexo, pois somente por meio deste ela era obtida, mas que, agora, recategoriza-se e associa-se ao homicídio, que é a maneira de o réu atingi-la. Se o assassinato é um fetiche, então a busca é puramente pelo prazer, pela satisfação sexual, que aqui se torna domínio-fonte.

Lakoff (1987) diz que a inferência à qual uma categorização conduz é baseada na ideia universal de que um mesmo sentido deve estar na mesma categoria: as coisas são categorizadas conjuntamente com base no que elas têm em comum. Isto é, categorizamos o tempo todo, ainda que de forma inconsciente e automática, diante de objetos palpáveis ou abstratos, sempre encaixotando ideias e considerações em quadros conforme suas características equivalentes. A partir dessa proposição, e

sabendo que Marcelo se desenvolveu em cenários em que sexo e violência coexistiam, aconteciam simultaneamente, podemos ratificar, então, que, de fato, como depreendemos na metáfora anterior, para o assassino, prazer sexual e crueldade (generalizando todos os atos perversos cometidos pelo assassino) são condicionados na mesma categoria, como correspondentes, sem discriminação, enquanto as convenções dizem que são abstrações opostas, sem vínculo. Isso posto, se prazer sexual e crueldade estão na mesma categoria, combinando-se, igualando-se e significando a mesma coisa, logo, tornam-se um só, amalgamam-se, são ações que podem ser realizadas de forma mútua e correlacionada, e, logo, é razoável para o assassino que cometer algum tipo de crueldade resulte no prazer que geralmente provém do sexo: matar é prazer e prazer é matar.

## 5 Considerações

As metáforas influenciam o pensamento do homem, pois são responsáveis por representações, reais ou não, simbolizações, caracterizações e (re)configurações do mundo que o cerca e de todas as ideias nele presentes. Armazenadas em nossa mente e parte da nossa cognição, as metáforas tornam-se conhecimento a ser mobilizado em situações concretas e cotidianas de interação, de socialização e de comunicação, porquanto nos possibilita estruturar a realidade. Porém, além disso, ao produzir novos sentidos e ressignificações, as metáforas conceituais produzem novos conhecimentos, novas maneiras de se pensar e enxergar o mundo e garante a compreensão de forma mais clara e profunda, sob novas perspectivas, bem como é uma forma racional de se falar sobre abstrações e emoções, garantindo lógica e sobriedade ao discurso.

No ambiente criminal, essas metáforas revelam a visão e a mente do assassino e tornam o assassinato algo positivo, pois, ao ressignificar o assassinato, relacionam-no a sentidos diferentes, mais suaves, menos perversos, como uma forma de atenuar suas ações ou de representar, com precisão, seus atos e suas sensações. Ao associar o assassinato ao prazer, aquele se torna mais suave, pois vem atrelado a uma carga positiva, aceita socialmente. Ou seja, o crime torna-se justificável, pois é em nome de sentimentos bons: o prazer, a satisfação, a salvação. Portanto, se é em nome de algo bom, se é em busca de boas sensações, se o assassinato gera prazer e pode conduzir uma criança ao céu, então, pode ser praticado, pois se anula a negatividade (assassinato) e evidencia-se a positividade (prazer, satisfação, salvação), de forma que aquela representa esta: assassinato representa satisfação, transfigura-se como prazer e ressignifica-se como salvação.

As metáforas materializam-se como formas de compreensão do mundo, de acordo com as experiências e as particularidades de cada indivíduo. As experiências e as sensações do assassino serial conduzem-no a uma compreensão do mundo e uma simbolização de assassinato metaforizado como algo bom, pois, para ele, o ato de matar é algo bom, prazeroso. Sua mente constrói representações agradáveis e positivas da morte, pois é assim que o corpo percebe o ato de matar e com ele se

estimula: a sensação é boa, como um ato de salvação divina, e é gostosa, como o sexo e o prazer que o acompanha: o assassinato é o próprio prazer e a própria salvação, então, assassinar a vítima salvá-la-á, conduzindo-a para a vida eterna, nos céus, e produzirá no assassino a satisfação, a sensação de agrado e de dever cumprido. E se a satisfação é o objetivo principal e final, o estímulo responsável por conduzir ao ato final e derradeiro, o assassinato justifica-se em si mesmo, porque, sendo ele a fonte de prazer, torna-se, assim, motivo, meio e finalidade, transformando-se em metáforas que nos revelam as maneiras individuais de se enxergar, perceber e viver o mundo, ainda que em suas formas mais extremas.

Assim, as metáforas conceituais permitem-nos conceituar o mundo de forma que seria difícil expressar diferentemente, e, o mais importante: revelam como a língua é incrível, multifacetada e flexível, comportando diversas formas e diversos usos, bem como a notória capacidade que nossa mente tem de se expandir, de ampliar nosso repertório linguístico, semântico e experiencial, de criar e de compreender novos significados, de construir representações, categorizações e associações diferentes, articulando subjetividade e objetividade, emoção e lógica, ficção e realidade, experiência e conhecimento, corpo e mente, e até abstrações opostas, como bem e mal, prazer e homicídio.

Sabendo-se que a língua constitui-nos e governa-nos em todas as atividades, em toda e qualquer esfera social, aqui, ela se torna indício, meio de fundamentação, de esclarecimento e de exposição, logo, o uso de metáforas na conceitualização das práticas conduzidas pelo assassino como forma de justificá-las demonstra a relação entre a cognição e as atividades do homem. Ou seja, evidencia o fato de que a linguagem é cognitiva, e as metáforas, uma vez que se materializam apenas linguisticamente, também são, pois se originam e perpetuam-se no uso social e contextualizado da língua em interação.

## Referências

- ARAÚJO, Antonia Dilamar. Metáforas conceituais na construção do texto acadêmico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO, 2., 2003, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE\\_II/metaforas%20conceituais/principal.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE_II/metaforas%20conceituais/principal.htm). Acesso em: 01 dez. 2017.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARVALHO, Sérgio N. de. **A “guerra” nas palavras**: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do presidente G. W. Bush Jr e de seus colaboradores. 2006. 148 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em:

[http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde\\_arquivos/23/TDE-2007-03-23T122309Z-696/Publico/Tese-SergioCarvalho.pdf](http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2007-03-23T122309Z-696/Publico/Tese-SergioCarvalho.pdf). Acesso em: 02 dez. 2017.

- CARVALHO, Sérgio N. de. A metáfora conceitual: uma visão cognitivista. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 7., v. 7, n. 12, 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-04.html>. Acesso em: 01 dez. 2017.
- CARVALHO, Sérgio N. de. Investigando a metáfora conceitual através da teoria e da prática. **Matraga** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 16, p. 219-235, 2004.
- CASOY, Ilana. **Serial killers: louco ou cruel?**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2014.
- CASOY, Ilana. **Serial killers: made in Brazil**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2014a.
- DIJK, Teun Adriaans van. **Cognição, discurso e interação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, Lilian. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 41, p. 149-165, 2010.
- FERREIRA, Luciane Corrêa; GLODNADEL, Marcos; KRAUSPENHAR, Daiana Grings. A Tradução da metáfora: uma abordagem cognitiva. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 5, n. 8, mar. 2007. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_8\\_a\\_traducao\\_da\\_metafora.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_8_a_traducao_da_metafora.pdf). Acesso em: 30 nov. 2017.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Catecismo da igreja católica: novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola (Org.), 1999.
- KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia sexualis: as histórias de caso**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.
- LIMA, Paula Lenz Costa. **Desejar é ter fome: novas ideias sobre antigas metáforas conceituais**. 1999. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270561>. Acesso em: 02 dez. 2017.
- MARZAGÃO JÚNIOR, Laerte I. (coord.). **Homicídio crime rei**. São Paulo: Quartier Latin, 2009.
- NEWTON, Michael. **A enciclopédia de serial killers: um estudo de um deprimente fenômeno criminoso, de “anjos da morte” ao matador do “zodíaco”**. São Paulo: Madras, 2014.

ROLAND, Paul. **Por dentro das mentes assassinas**: a história dos perfis criminosos. São Paulo: Madras, 2014.

VEREZA, Solange C. O Lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199-212, jun. 2010.

**Artigo enviado em: 15/05/2019. Aprovado em: 15/06/2019.**